

Notas a respeito de homens negros nas narrativas de Rodolfo Xavier para o jornal *A Alvorada* (Pelotas, pós-abolição)

Notes about black men in Rodolfo Xavier's narratives for the newspaper *A Alvorada* (Pelotas, Post Abolition)

Ângela Pereira Oliveira Balladares*

Resumo: O objetivo do artigo é dialogar sobre os homens negros que foram escolhidos pelo articulista Rodolfo Xavier (1876-1964) em seus escritos para o impresso negro racial *A Alvorada*, de Pelotas. Atento também para as escolhas, as intenções e os sentidos da preferência de Rodolfo Xavier por sujeitos específicos em suas produções textuais. Sendo assim, busco contribuir para a valorização das ideias e pensamento de homens negros gerados a partir de espaços alternativos como a imprensa negra. Para a efetivação desta pesquisa, os estudos desenvolvidos por Beatriz Loner a respeito da classe trabalhadora de Pelotas e os estudos sobre o pós-abolição são referências fundamentais.

Palavras-chave: Pós-abolição; homens negros; Rodolfo Xavier.

Abstract: The aim of the article is to talk about the black men who were chosen by the writer Rodolfo Xavier (1876-1964), in his writings for the black racial press "*A Alvorada*", by Pelotas. Attentive also to the choices, intentions and senses of Rodolfo Xavier's preference for specific subjects in his textual productions. Thus I seek to contribute to the appreciation of the ideas and thinking of black men generated from alternative spaces, such as the black press. For the realization of this research, the studies developed by Beatriz Loner about the working class of Pelotas and the post-abolition studies are fundamental references.

Keywords: Post abolition; black men; Rodolfo Xavier.

* Doutoranda em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: angelapoliveira2@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9086-0287>.

Introdução

COMPREENDER A ESCRITA do articulista da imprensa negra Rodolfo Xavier é um dos objetivos que venho desenvolvendo ao longo da minha tese de doutorado. Neste artigo, trago um recorte da pesquisa, focando no que Rodolfo escreveu a respeito de alguns homens negros, a fim de entender quem foram esses homens, porque ele os escolheu e o que escreveu a respeito deles.

Rodolfo Xavier não é desconhecido na historiografia, em específico, aquela que se debruça sobre o mundo do trabalho e o pós-abolição. Por ora, destaco, como exemplo, dois estudos historiográficos que se utilizam de seus escritos.¹

Em 1999, a historiadora Beatriz Loner defendeu sua tese de doutorado com estudo sobre a classe operária das cidades de Pelotas e Rio Grande. A pesquisa foi publicada em livro no ano de 2001 e relançada em 2016. A importância desse estudo se deve, sobretudo, por apresentar uma nova visão e perspectiva no que se refere à compreensão da organização da classe operária, abarcando questões políticas, sociais e culturais. Influenciada pelas ideias do historiador E. P. Thompson, Beatriz Loner propôs pensar a classe e os trabalhadores, ampliando a sua análise e fontes, o que permitiu perceber a atuação desses sujeitos. A historiadora, ao se debruçar sobre os meios de organização dos trabalhadores, também trouxe à tona a questão racial, demonstrando que a grande maioria do operariado local era composta por trabalhadores negros.²

A escrita de Rodolfo Xavier, assim como o jornal *A Alvorada*, para o qual ele contribuiu, foram fontes utilizadas por Beatriz Loner. Ela tornou Rodolfo conhecido na historiografia ao utilizar os seus escritos para demonstrar as condições de vida dos trabalhadores locais, por exemplo. Beatriz Loner trouxe um novo olhar sobre a cidade de Pelotas, sobretudo em relação aos trabalhadores, e deixou um legado de possibilidades a serem pensadas, que se fazem presentes neste estudo e em tantos outros.

A historiadora Fernanda Oliveira da Silva, em sua tese de 2017, se propôs a investigar as experiências de sociabilidade negra nas regiões de fronteira entre Brasil e Uruguai. Nesse estudo, ela fez uma breve referência a Rodolfo Xavier. No entanto, mesmo sendo a pesquisa mais recente desenvolvida pela historiadora, chamo a atenção para a sua dissertação, na qual Fernanda Oliveira da Silva se dedicou a analisar as associações negras pelotenses, trazendo diversos aspectos do jornal *A Alvorada*. O estudo conta com uma fotografia de

1 Entre outros estudos que Rodolfo é mencionado ou mesmo sua produção, temos, por exemplo: PERES, Eliane. **“Templo de luz”**: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1915). Pelotas: Seiva Publicações, 2002. SANTOS, José Antônio dos. **Raiou a alvorada**: intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957). Pelotas. Ed. Universitária, 2003, v. 7. ALVES, Lúcio. **Rodolpho Xavier**: uma intelectualidade na organização sindical e na luta dos negros em Pelotas (1931-1935). Monografia (Licenciatura em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005. DANTAS, Carolina Vianna. Monteiro Lopes (1867-1910), um “líder da raça negra” na capital da República. **Afro-Ásia**, 2010, n. 41, p. 167-209. OLIVEIRA, Ângela. **A racialização nas entrelinhas da imprensa negra**: o caso O Exemplo e A Alvorada – 1920-1935. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

2 LONER, Beatriz. **Classe operária**: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1930. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999. Volume I e II. LONER, Beatriz. **Construção de classe**: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930). Pelotas: UFPel, 2001. Idem, 2016. 2 ed.

Rodolfo Xavier retirada do semanário para o qual ele tanto contribuiu. Ela também construiu um quadro referente às lideranças negras destacando Rodolfo e as associações em que ele atuou. Enfim, Fernanda Oliveira da Silva fez uso das crônicas do articulista e de fragmentos de sua trajetória ao longo da dissertação, sendo, portanto, uma referência extremamente importante para esta pesquisa.³

Apesar de seu nome circular entre os estudos que têm por cenário a cidade de Pelotas, julgo pertinente trazer ao leitor alguns dados bibliográficos a respeito da trajetória de Rodolfo Xavier, por entender que a sua escrita é marcada pelas suas vivências.

Rodolfo era filho de Eva e de Domingos. Ela, uma mulher escravizada, e ele, o seu senhor. O nascimento de Rodolfo se deu em 10 de maio, não havendo concordância nas fontes em relação ao ano.⁴ O significativo é que todas as datas encontradas até então (que variam de 1873 a 1879) apontam para uma criança nascida de ventre livre. A Lei nº 2.040, de 1871,⁵ também formalizou a possibilidade dos escravizados acumularem pecúlios no intuito de reaver a liberdade. Eva soube beneficiar-se da lei. Ela adquiriu sua alforria mediante autocompra, antes dos oito anos de Rodolfo, assim sendo, o filho ficou sob sua responsabilidade. Ainda que na mesma localidade e tendo adotado o sobrenome “Xavier”, Eva e Rodolfo refizeram suas vidas, longe do domínio senhorial, pois não há indícios de posteriores contatos entre ambos.

Desde cedo, Rodolfo ocupou espaços da cidade de Pelotas, entre eles a Bibliotheca Pública Pelotense, que ofertava cursos noturnos para alfabetizar a classe operária local. Tendo sido matriculado pela mãe, ele adquiriu a formação primária. Quando menino, também se inseriu no mercado de trabalho. Entre as profissões que desempenhou, constam: vendedor em carroças, chapeleiro, vassoureiro, colcheiro e maleiro. No entanto, foi na profissão de pedreiro que Rodolfo atuou a maior parte da vida, tornando-se mestre em escaiola.⁶

Rodolfo Xavier, um nascido de ventre livre, de formação primária, que se afirmava enquanto *negro* em pleno contexto de racialização, intelectual orgânico, autodidata, pelotense, pai de dois filhos, esposo, irmão, operário da construção civil, militante, defensor do trabalhismo e liderança sindical, foram apenas algumas das múltiplas facetas desse autor de inúmeras crônicas publicadas na imprensa negra, e que utilizo como fonte em minha pesquisa. A escrita de Rodolfo me permite acessar, entre tantas questões, seu pensamento.

As fontes deste estudo, isto é, as crônicas assinadas por Rodolfo Xavier, foram escritas para o jornal da imprensa negra denominado de *A Alvorada*, elaborado a partir da cidade de Pelotas e distribuído pela região sul do estado do Rio Grande do Sul, de maneira mais efetiva. A sua circulação teve início em 5 de maio de 1907 e foi encerrada em 1965. Ao longo desse

3 SILVA, Fernanda Oliveira da. **Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços**: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943). Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2011. SILVA, Fernanda Oliveira da. **As lutas políticas nos clubes negros**: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguai no pós-abolição (1870-1960). Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

4 Fontes consultadas: carteira de trabalho, certidão de batismo, certidão de casamento, certidão de óbito. Acervo pessoal da família, em poder de Isabel Cardoso da S. e Souza.

5 BRASIL. **Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871**. Condição de livre aos filhos de mulher escrava. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm. Acesso em: 2 fev. 2019.

6 A escaiola é uma técnica de acabamento italiana que imita mármore polido ou pedras ornamentais. Trata-se de um trabalho artesanal, hoje dominado principalmente por profissionais da restauração. Essa técnica foi bastante utilizada na cidade de Pelotas, pois, no final do século XIX e início do XX, o Brasil não beneficiava o mármore, tornando sua importação um custo elevado.

período, sua edição semanal não foi constante; foram várias interrupções justificadas em suas páginas, por problemas financeiros. O período de existência d'A *Alvorada* foi marcado por várias crises econômicas que assolaram o cenário nacional e mundial, além das duas grandes guerras. A *Alvorada* chegou a ter três mil exemplares impressos, um número bastante significativo para um jornal de cunho racial.

Rodolfo Xavier, além de ser um dos idealizadores do jornal *A Alvorada*, também foi um dos mais assíduos colaboradores. Ele publicou seus textos de 1911 a 1957.⁷ A temática que me proponho a analisar neste artigo abarca uma pequena quantidade de crônicas, do total que por ele foram escritas ao longo desse período. O foco apresentado no jornal era lutar contra a discriminação racial e se posicionar em defesa do operariado pelotense, duas questões extremamente presentes na escrita de Rodolfo Xavier e que nortearam a maioria de suas reflexões na imprensa negra.

Não houve por parte d'A *Alvorada* uma campanha específica para a valorização do negro através da divulgação de homens considerados exemplares. No entanto, é comum encontrarmos, ao longo de suas páginas, apontamentos sobre pessoas negras de notório reconhecimento pela sociedade. Nos escritos de Rodolfo com os quais dialogarei a seguir encontrei, por exemplo: José Maurício, José do Patrocínio, Manuel Conceição, Antônio Baobad, Monteiro Lopes, João Candido, Miguel Barros e Ralph Bunche. A elaboração desses textos se deu em diferentes momentos.

Como metodologia de análise, busco demonstrar o porquê da escolha por esses homens em específico e o que Rodolfo tinha a dizer sobre eles, como forma de acesso ao pensamento do articulista e não propriamente às trajetórias referidas. Para abordar os escritos a respeito de homens negros discutidos por Rodolfo Xavier, levando em conta que foram escritas esporádicas, organizei o artigo pensando na cronologia de existência desses sujeitos.

Rodolfo Xavier e suas narrativas sobre homens negros

RODOLFO XAVIER teve uma grande diversidade de crônicas publicadas n'A *Alvorada*, sendo um dos principais articulistas do impresso. Ele usava o espaço do jornal, com sua escrita militante, para combater o preconceito racial e denunciar as condições de vida do proletariado. No entanto, em meio aos seus textos, também foi possível encontrar crônicas que apresentaram a trajetória de homens negros e que, por conta disso, podem ser entendidas como uma homenagem. O primeiro caso que lhes apresento é o do padre José Maurício. Rodolfo dedicou duas edições do jornal para apresentar ao público o referido padre. Essas edições foram publicadas em sequência, no ano de 1948, sendo continuidade uma da outra.

Mas quem era o padre José Maurício? José Maurício Nunes Garcia viveu entre os anos de 1767 e 1830. Em função de suas qualificações artísticas, ele ocupou posições de prestígio na sociedade escravocrata, na qual homens de sua cor eram acometidos por diversas restrições. José Maurício foi um padre católico, professor de música, maestro, além de multi-instrumentista e compositor. Em função de seu talento, chegou a mestre de capela e organista

⁷ Em anos anteriores, não encontrei crônicas assinadas pelo autor, o que não impede que textos possam ter sido escritos por ele.

da Sé do Rio de Janeiro e diretor da Capela Real. Logo, podemos concluir que não se tratava de um sujeito com o qual Rodolfo pudesse ter tido contato direto.

Quando apresentou o padre José Maurício para os leitores d'*A Alvorada*, Rodolfo o descreveu: “mulato, pobre, tímido (...)”.⁸ O vocábulo mulato é entendido como referente à cor e acaba por expressar a ideia de raça, num contexto racializado, no qual essas categorias fazem sentido. A raça, enquanto categoria de análise, vem sendo debatida nos estudos de emancipações e pós-abolição.⁹ O campo foi fundado em 2013 e contou com a participação de Beatriz Loner, que ficou responsável pela coordenação estadual do Rio Grande do Sul.¹⁰

Talvez Rodolfo tenha usado a aparência física, como um indicativo de pertencimento racial, para chamar a atenção do seu público, de maioria negra, em relação a esse indivíduo; ou mesmo para aproximar a trajetória de ambos, que por meio do indicativo de cor vivenciaram a racialização; ou ainda, para reivindicar a negritude desse sujeito.

O aspecto da condição social, isto é, ser pobre reforçaria a proximidade com grande parte daqueles que se interessavam pelo jornal, a classe trabalhadora. Por sua vez, a timidez, para Rodolfo, era uma característica que o negro deveria possuir se quisesse ser respeitado naquela sociedade. Tal argumento é posto levando em conta a gama de ideias conservadoras em relação ao comportamento do negro que ele defendeu ao longo de seus textos para *A Alvorada*.

Entre as múltiplas facetas de José Maurício, Rodolfo enfatizou sua atuação enquanto padre e músico. Através dessas atuações, ele o construiu como um exemplo aos demais, cujo talento era acompanhado de muito esforço e dedicação. Nas palavras de Rodolfo: “muita vocação natural, aturado estudo e penosas elucubrações, dispondo só de apoucados recursos em todos os sentidos, além da expansão da sua índole artística”.¹¹

A narrativa de Rodolfo conta a história de uma reunião íntima promovida pela princesa Carlota Joaquina a Marcos Portugal, um compositor português de música erudita que era bastante conhecido na Europa. O fato teria ocorrido em 1811, e a princesa queria mostrar ao visitante os talentos do músico brasileiro José Maurício. Rodolfo descreveu que Marcos Portugal teria recebido com arrogância a comparação que a princesa fez em relação ao talento de ambos. O texto deixou subentendido que a falta de empatia do músico português pelo músico brasileiro se deu por puro preconceito, sendo a cor de José Maurício o motivo.

O relato da exposição de José Maurício pela família real é um exemplo do que Guerreiro Ramos descreveu em *Patologia social do branco brasileiro*, chamado por ele de “negro-tema”, isto é, “uma coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso”.¹²

8 *A Alvorada*. Pelotas, 20 mar. 1948, ano XL, n. 64, p. 5. Hemeroteca da Bibliotheca Pública Pelotense (HBPP).

9 Para citar apenas alguns estudos: COOPER, Frederick; HOLT, Thomas; SCOTT, Rebecca. **Além da escravidão**. Investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. ABREU, Martha; DANTAS, Carolina; MATTOS, Hebe; LONER, Beatriz; MONSMA, Karl. **Histórias do pós-abolição no mundo atlântico**: cultura, relações raciais e cidadania. Niterói: Ed. UFF, 2014, v. 3. WEIMER, Rodrigo. **Felisberta e sua gente**: consciência histórica e racialização em uma família negra no pós-emancipação rio-grandense. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. SILVA, Fernanda Oliveira da. **As lutas políticas nos clubes negros**: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguai no pós-abolição (1870-1960). Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. ROSA, Marcus Vinicius. **Além da invisibilidade**: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição. Porto Alegre: EST Edições, 2019.

10 **Manifesto de fundação do GT Emancipações e Pós-abolição**. Disponível em: <https://emancipacoesposabolicao.wordpress.com/manifesto-de-fundacao>. Acesso em 18 jun. 2019.

11 *A Alvorada*. Pelotas, 20 mar. 1948, ano XL, n. 64, p. 5. HBPP.

12 RAMOS, Alberto Guerreiro. *Patologia social do branco brasileiro*. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, p. 215, 1955.

O final do texto permite o classificarmos como uma parábola, pois se tratava de uma história envolvendo pessoas e que trouxe ao leitor uma moral. Marcos Portugal, mesmo contrariado com a comparação feita entre ambos e lançando olhares frios a José Maurício, acabou por se render ao talento dele. Rodolfo afirmou que a partir desse momento o músico teria conseguido se consagrar. Uma moral para a história seria a de que a combinação de talento, dedicação e estudo, apesar das privações, faria sucumbir o preconceito e proporcionar ao negro ser respeitado, ao que tudo indica a visão defendida pelo articulista.

Beatriz Loner¹³ salientou as entidades musicais pelotenses como construtoras da classe trabalhadora e espaço de afirmação frente à sociedade. Seu estudo pioneiro impulsionou os debates historiográficos em torno da temática. Destaco duas pesquisas que dialogaram com essa perspectiva, tendo em vista os objetivos a que me proponho neste estudo e o espaço para expô-los. A primeira delas é a tese de Letícia Marques,¹⁴ na qual ela abordou a trajetória do maestro Joaquim José de Mendanha que viveu no século XIX e, à semelhança de José Maurício, citado na imprensa por Rodolfo, teve suas experiências marcadas pela atuação enquanto músico. José de Mendanha compôs o Hino Rio-Grandense, em uso até os dias atuais. A autora defendeu que através da música foi possível ocupar espaços que permitiram aos homens de cor¹⁵ mobilidade social, ainda que limitada.

A outra pesquisa é a de Felipe Bohrer,¹⁶ que em sua dissertação explorou a participação de afrodescendentes na história da música porto-alegrense. Ele trouxe à tona as disputas de legitimação do cenário musical no contexto do pós-abolição e também debateu sobre como os usos da música puderam proporcionar mobilidade social para as pessoas negras. Ao longo de sua escrita, o historiador destacou musicistas homens e mulheres. Logo, afirmo que José Maurício não deve ser visto como uma trajetória excepcional, uma vez que a historiografia, baseada na percepção de Beatriz Loner, tem demonstrado a existência de trajetórias semelhantes à dele.

Ao ler o texto de Rodolfo, devemos levar em consideração a sua intencionalidade e o que ele procurava dizer com tal explanação, para assim perceber que a supervalorização que ele propõe de José Maurício se deu no sentido de construção de representatividade em contexto no qual o racismo estava internalizado na sociedade.

O segundo caso que apresento neste artigo é o de José do Patrocínio. Entre os abolicionistas negros, acredito que ele era o preferido de Rodolfo Xavier, pois foi o mais citado em seus textos. Ao total encontrei 23 artigos em que seu nome aparece. Enquanto André Rebouças e Luiz Gama, por exemplo, foram referidos, respectivamente, em cinco e em seis crônicas. No entanto, para a análise proposta, faço uso de apenas dois textos de Rodolfo

13 LONER, Beatriz. **Classe operária**: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1930. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999. V. I e II. LONER, Beatriz. **Construção de classe**: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930). Pelotas: UFPel, 2001. Idem, 2016. 2 ed.

14 MARQUES, Letícia. **O maestro Joaquim José de Mendanha**: música, devoção e mobilidade social na trajetória de um pardo no Brasil oitocentista. Tese (Doutorado em História) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2017.

15 Todas as pessoas possuem cor, no entanto, a ênfase na cor da pele escura está ligada a um contexto de racialização. Para o período em questão, a referência a homens de cor era feita às pessoas de tez escura.

16 BOHRER, Felipe. **A música na cadência da história**: raça, classe e cultura em Porto Alegre no pós-abolição. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

Xavier presentes n'*A Alvorada*, pois o meu critério de seleção das fontes consistiu em utilizar somente escritas em que Rodolfo emitisse algum juízo de valor sobre sujeitos em específico e não apenas referenciasse os seus nomes.

Através da produção de Rodolfo Xavier, notei que ele via Patrocínio com admiração¹⁷ por ser um exemplo de pessoa,¹⁸ um homem que elevou a sua raça.¹⁹ A trajetória de Patrocínio e de Rodolfo possui muitas semelhanças: ambos tinham interesse na política, eram filhos de mulheres escravizadas, observaram a escravidão em suas vivências, tinham talento para a escrita e a utilizaram como uma ferramenta de luta (o primeiro contra a escravidão, e o segundo contra as consequências dela). Assim, poderíamos pensar que em termos de conduta e de dedicação, Rodolfo se identificaria com Patrocínio. Segundo ele, Patrocínio era um motivo de orgulho para o negro.

O abolicionista era lembrado como um combatente ferrenho do racismo²⁰ e um dos mártires da Abolição ou do Treze de Maio.²¹ José Carlos do Patrocínio (1854-1905)²² teve sua trajetória marcada pela atuação como farmacêutico, jornalista, romancista, redator e político, por exemplo. Ele foi orador em defesa da causa abolicionista e também um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Muitos nomes de homens negros foram citados no jornal dando visibilidade as suas ideias e trajetórias. Essa incidência aproximava o leitor com exemplos de comportamentos destoantes das imagens estereotipadas e cheias de preconceito que a sociedade brasileira propagava.

Em *A Alvorada*, de treze de maio de 1950, com base em Coelho Neto,²³ Rodolfo Xavier narrou os últimos dias de José do Patrocínio. No texto, salientou a dedicação e a perseverança de Patrocínio: “Metendo a mão sob o travesseiro para tirar o lenço fez cair uma tira de papel escrita a lápis, pediu-a sorrindo: é o meu artigo. Escrevo-os aqui na cama, a lápis. Quando me faltam as forças, dito à minha mulher”.²⁴ O intuito da escrita a respeito do abolicionista era o de valorizar seu esforço em prol da população negra.

Rodolfo percebia e discordava da desvalorização e do esquecimento de homens como Patrocínio. Já em outro texto, tratou da diferença geracional entre ele, que nasceu quando a escravidão ainda era vigente, filho de uma mulher escravizada, e aqueles que nasceram pós-1888, que, portanto, tiveram uma relação e percepção diferente sobre o 13 de Maio e os abolicionistas, conforme se nota no seguinte trecho:

São passados 67 anos desde que foi decretada a Lei Áurea, de 13 de maio de 88, e cada ano que se escoia na ampolheta do tempo, mais crescem as

17 Entre as expressões usadas por Rodolfo em relação a Patrocínio está, por exemplo, *genial*. **A Alvorada**. Pelotas, 6 mar. 1932, ano XXIV, n. 19, p. 1. HBPP.

18 **A Alvorada**. Pelotas, 14 maio 1933, ano XXVI, n. 19, p. 1. **A Alvorada**. Pelotas, 17 mar. 1935, ano XXVII, n. 45, p. 1. HBPP.

19 **A Alvorada**. Pelotas, 21 jan. 1934, ano XXVI, n. 54, p. 1. HBPP.

20 Rodolfo usou a expressão *preconceito de raças*, mas optei pelo uso do termo *racismo*, por acreditar que ambos fazem referência à mesma situação, e que, na sociedade atual, a palavra *racismo* seria mais adequada.

21 **A Alvorada**. Pelotas, 20 dez. 1931, ano XXIV, n. 8, p. 1. **A Alvorada**. Pelotas, 6 mar. 1932, ano XXIV, n. 19, p. 1. **A Alvorada**. Pelotas, 10 maio. 1947, ano XXXVIII, n. 22, p. 1. **A Alvorada**. Pelotas, 12 maio 1951, ano XLIII, n. 16, p. 1; **A Alvorada**. Pelotas, 14 maio 1955, ano XLVII, n. 16, p. 1. HBPP.

22 ALVES, Uelinton. **José do Patrocínio**: a imorredoura cor do bronze. Rio de Janeiro: Garamond/Biblioteca Nacional, 2009. SANTOS, Jussara. José do Patrocínio. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Precusores. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, v. 1. PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Escritos de liberdade**: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista. Campinas: Editora da UNICAMP, 2018.

23 Henrique Maximiano Coelho Neto (1864-1934) era escritor, político e membro da Academia Brasileira de Letras.

24 **A Alvorada**. Pelotas, 13 maio 1950, ano XLIII, n. 17, p. 1. HBPP.

ingratidões; poucos são os que se lembram de José do Patrocínio, de Luís Gama, vendido pelo próprio pai, e de tantos outros abolicionistas.²⁵

O 13 de Maio é um marco por ter encerrado os 300 anos de vigência da escravidão no Brasil, último país da América Latina a acabar com a prática. Mesmo que a abolição brasileira não tenha sido condicionada como ocorreu com vários países latinos, ela não proporcionou condições de igualdade para a população negra, tanto é que ainda hoje essa população sofre suas consequências, principalmente, o racismo.

Rodolfo, na década de 1950, quando escreveu sobre o distanciamento das novas gerações em relação ao 13 de Maio,²⁶ demonstrava temer que os negros se esquecessem do passado, daqueles que lutaram por eles, no entanto, a história ganhou novos significados. Lembrando que na década de 1970 partia do Rio Grande do Sul a iniciativa de comemorar o dia 20 de novembro como dia da consciência negra, através de uma proposta do poeta Oliveira Silveira, de modo a valorizar a luta da população negra.

A construção de uma imagem de heroína em torno da princesa Isabel foi tão forte que permanece no imaginário da população até os dias de hoje. No entanto, chamo a atenção para a percepção de Rodolfo em torno desse caso. Produto de uma geração que cultuou a princesa, Rodolfo não desconsiderou o seu papel, mas atentava para a extrema importância dos abolicionistas, destacando que tal acontecimento não partia de uma pessoa, mas de um coletivo.

A mocidade negra – netos e bisnetos dos mártires africanos – deve, como Patrocínio, ajoelhar-se **não** aos pés de Isabel, a Redentora, mas ante a augusta memória da falange de abolicionistas que prepararam o advento da liberdade do negro no Brasil.²⁷

As crônicas de Rodolfo²⁸ demonstram que o esquecimento sobre os sujeitos, que no passado tanto contribuíram para os homens e as mulheres negras, era algo que o afligia. Quando elaborou esses textos, na década de 1950, já estava bem mais velho, logo, poderíamos pensar que ele também estava expondo sua incerteza sobre ser lembrado no futuro ou que, simplesmente, pensava sobre memória e esquecimento.

No fim da primeira crônica, Rodolfo criticou a ausência de um espaço de memória para homenagear Patrocínio como, por exemplo, o erguimento de um busto seu em qualquer praça do país.²⁹ Ele atribuiu o fato a uma ingratidão da raça de José do Patrocínio. Sendo a sua ira despejada sobre os leitores, homens e mulheres negras, não só por não cultuarem os abolicionistas, mas também pela falta de importância concedida nas comemorações do 13 de Maio.³⁰ Evocar a memória de Patrocínio era lembrar a todos que lutaram pela liberdade negra. Enfim, essas publicações demonstram que Rodolfo tinha um forte apego pelo passado.

O terceiro caso é de um membro da família Silva Santos, Manuel Conceição. A família Silva Santos era pesquisada por Beatriz Loner, que publicou três artigos sobre eles.³¹ Este

25 **A Alvorada**. Pelotas, 14 maio 1955, ano XLVII, n. 16, p. 1. HBPP.

26 *Ibidem*. **A Alvorada**. Pelotas, 13 maio 1950, ano XLIII, n. 17, p. 1. HBPP.

27 **A Alvorada**. Pelotas, 14 maio 1933, ano XXVI, n. 19, p. 1, *grifo meu*. HBPP.

28 *Ibidem*. **A Alvorada**. Pelotas, 13 maio 1950, ano XLIII, n. 17, p. 1; **A Alvorada**. Pelotas, 14 maio 1955, ano XLVII, n. 16, p. 1. HBPP.

29 **A Alvorada**. Pelotas, 13 maio 1950, ano XLIII, n. 17, p. 1. HBPP.

30 *Ibidem*.

31 LONER, Beatriz. Família Silva Santos. **6º Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**. Florianópolis: UFSC, 2013, p. 1-14. Disponível em: <https://labhstc.paginas.ufsc.br/files/2013/04/Beatriz-Loner->

ano, em uma coletânea de textos da autora, esses estudos foram retomados.³² Para ela, se tratava de uma família importante para a comunidade negra da região de Pelotas e de Rio Grande,³³ mas que acabou por enfraquecer seu prestígio. Por isso, seus nomes são encontrados nas fontes locais e despertaram o interesse da pesquisadora. Beatriz Loner revelou informações a respeito de quatro gerações da família.³⁴ A autora não se aprofundou nas gerações atuais, por acreditar que os maiores expoentes da família tinham sido Manuel Conceição da Silva Santos e Carlos da Silva Santos,³⁵ respectivamente avô e neto, segunda e quarta geração.

Conforme mencionado, a proposta deste artigo é compreender a produção narrativa de Rodolfo Xavier para o jornal *A Alvorada* e não focar especificamente nas trajetórias dos homens por ele referidos, por isso trago apenas algumas notas sobre eles. Nesse sentido, não busco trazer nenhum dado novo a respeito da trajetória desses homens, mas refletir sobre o que Rodolfo Xavier pensava a respeito deles.

O estudo de Beatriz Loner é fundamental por apresentar os membros dessa família da qual Rodolfo nos conta um pouco. Beatriz Loner demonstrou haver uma proximidade entre Rodolfo Xavier e a família Silva Santos, em especial José, da terceira geração, tendo ambos atuado juntos no Centro Etiópico Monteiro Lopes. As narrativas de Rodolfo também serviram como fontes para a historiadora.³⁶

A primeira crônica escolhida foi publicada em maio de 1935 e tinha por foco homenagear o negro do passado, às vésperas das recordações sobre a abolição; ao mesmo tempo,

-
- texto.pdf. Acesso em 12 jun. 2018. LONER, Beatriz. Gerações e conjunturas: a família Silva Santos. **XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal: UFRN, 2013, p. 1-19. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1363121657_ARQUIVO_geracoesconjunturas.pdf. Acesso em 3 abr. 2019. LONER, Beatriz. As aparências podem fazer toda a diferença. In: GILL, Lorena; KOSHIER, Paulo (orgs.). **A família Silva Santos e outros escritos**: escravidão e pós-abolição ao sul do Brasil. São Leopoldo: Casa Leiria, 2019, p. 39-54. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2019/06/familiasilvasantos.pdf>. Acesso em 4 jun. 2019.
- 32 GILL, Lorena; KOSHIER, Paulo (orgs.). **A família Silva Santos e outros escritos**: escravidão e pós-abolição ao sul do Brasil. São Leopoldo: Casa Leiria, 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2019/06/familiasilvasantos.pdf>. Acesso em 4 jun. 2019.
- 33 Beatriz Loner é uma importante referência. Ela se propôs a compreender o proletariado de Pelotas e Rio Grande, entre 1888 a 1937, atentando para as associações, entidades e órgãos por eles organizados. Ao salientar a presença dos trabalhadores negros, ela inaugurou novos debates sobre classe e raça. LONER, Beatriz. **Classe operária**: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1930. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999. V. I e II. LONER, Beatriz. **Construção de classe**: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930). Pelotas: UFPel, 2001. Idem, 2016. 2 ed.
- 34 LONER, Beatriz. Família Silva Santos. **6º Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**. Florianópolis: UFSC, 2013, p. 1-14. Disponível em: <https://labhstc.paginas.ufsc.br/files/2013/04/Beatriz-Loner-texto.pdf>. Acesso em 12 jun. 2018. LONER, Beatriz. Gerações e conjunturas: a família Silva Santos. **XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal: UFRN, 2013, p. 1-19. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1363121657_ARQUIVO_geracoesconjunturas.pdf. Acesso em 3 abr. 2019. LONER, Beatriz. As aparências podem fazer toda a diferença. In: GILL, Lorena; KOSHIER, Paulo (orgs.). **A família Silva Santos e outros escritos**: escravidão e pós-abolição ao sul do Brasil. São Leopoldo: Casa Leiria, 2019, p. 39-54. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2019/06/familiasilvasantos.pdf>. Acesso em 4 jun. 2019.
- 35 Carlos da Silva Santos (1904-1989) foi sindicalista, político, militante racial. Conhecido por ter sido o primeiro negro eleito presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul e a ocupar o governo do estado do Rio Grande do Sul. A sua carreira política teria iniciado em 1935 quando ele foi eleito deputado classista. LONER, Beatriz. Família Silva Santos. **6º Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**. Florianópolis: UFSC, 2013, p. 1-14. Disponível em: <https://labhstc.paginas.ufsc.br/files/2013/04/Beatriz-Loner-texto.pdf>. Acesso em 12 jun. 2018.
- 36 Ibidem. LONER, Beatriz. Gerações e conjunturas: a família Silva Santos. **XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal: UFRN, 2013, p. 1-19. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1363121657_ARQUIVO_geracoesconjunturas.pdf. Acesso em 3 abr. 2019. GILL, Lorena; KOSHIER, Paulo (orgs.). **A família Silva Santos e outros escritos**: escravidão e pós-abolição ao sul do Brasil. São Leopoldo: Casa Leiria, 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2019/06/familiasilvasantos.pdf>. Acesso em 4 jun. 2019.

criticava as novas gerações pela valorização da mestiçagem, tema em voga no período. Talvez, nesse sentido, Rodolfo tenha escolhido referenciar Manuel, para contrapor a ideia evolucionista das raças. Além de enfatizar o prestígio de Manoel na sociedade, ressalta seu “puro sangue africano”.³⁷

Em outra crônica, Rodolfo buscou tratar de Carlos Santos, mas acabou lembrando-se de Manuel. Ao adotar o título *Reminiscência*, penso ser a forma pela qual Rodolfo percebia Carlos, isto é, uma reminiscência do avô, pela semelhança em suas atuações e pelo prestígio adquirido na sociedade em que estavam inseridos.³⁸ Através de suas palavras, podemos concluir que Rodolfo percebeu a importância dessa família para a comunidade negra da região – igualmente o fez Beatriz Loner,³⁹ além de somar-se a uma afinidade pessoal que manteve com a família, que o impulsionou a dedicar seu tempo a homenagear esses sujeitos.

Ao contribuir com o livro *Experiências da emancipação*, de Flávio Gomes e Petrônio Domingues, Beatriz Loner contou a história de Antônio, que perpassa o universo pelotense em contexto de escravidão e pós-abolição. Mesmo com abordagem centrada em Antônio, Beatriz Loner apontou o envolvimento com outros sujeitos. Entre eles, o próprio irmão mais novo, Rodolfo Xavier. Para tal, a historiadora fez uso de informações fornecidas pelo articulista d'*A Alvorada*, em suas memórias.⁴⁰

Beatriz Loner⁴¹ se dedicou à trajetória de Antônio Baobad, um ex-escravizado, republicano, socialista, liderança operária e racial, mentor e um dos fundadores do jornal *A Alvorada*. Nesse sentido, não irei me aprofundar em suas experiências, pois busco compreender a escrita de Rodolfo em relação a Antônio, e não sua trajetória em si.

Em relação a Antônio Baobad, Rodolfo narrou um pouco de sua história em duas publicações d'*A Alvorada*: uma em 1935 e outra em 1955. Ambas em edições do aniversário d'*A Alvorada*, em 5 de maio.⁴² O nome de Antônio também era citado quando Rodolfo fazia menção ao início do jornal.

Em 1935, Rodolfo trata Antônio como um homem bastante independente, que “fez a si próprio”, “um orador fluente”, que estudava e trabalhava. Ele trata das organizações que Antônio teria participado, como a Liga Operária, a União Operária Internacional, o Centro

37 *A Alvorada*. Pelotas, 12.05.1935, ano XXVIII, n. 2, p. 2. HBPP.

38 *A Alvorada*. Pelotas, 24 fev. 1951, ano XLIII, n. 7, p. 1. HBPP.

39 LONER, Beatriz. Família Silva Santos. **6º Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**. Florianópolis: UFSC, 2013, p. 1-14. Disponível em: <https://labhstc.paginas.ufsc.br/files/2013/04/Beatriz-Loner-texto.pdf>. Acesso em 12 jun. 2018. LONER, Beatriz. Gerações e conjunturas: a família Silva Santos. **XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal: UFRN, 2013, p. 1-19. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/recursos/anais/27/1363121657_ARQUIVO_geracoesconjunturas.pdf. Acesso em 3 abr. 2019. GILL, Lorena; KOSHIER, Paulo (orgs.). **A família Silva Santos e outros escritos: escravidão e pós-abolição ao sul do Brasil**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2019/06/familiasilvasantos.pdf>. Acesso em 4 jun. 2019.

40 LONER, Beatriz. Antônio: de Oliveira a Baobad. In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio. **Experiências da Emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980)**. São Paulo: Selo Negro, 2011, p. 109-136.

41 Ibidem. LONER, Beatriz. Antônio: de Oliveira a Baobad. **2º Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**. São Leopoldo: Oikos, 2005, p. 1-17. Disponível em: <http://www.escravidaoliberdade.com.br/site/images/Textos2/beatriz%20loner%20completo.pdf>. Acesso em 4 dez. 2019. LONER, Beatriz. Antônio: de Oliveira a Baobad. In: GILL, Lorena; KOSHIER, Paulo (orgs.). **A família Silva Santos e outros escritos: escravidão e pós-abolição ao sul do Brasil**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2019, p. 79-95. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2019/06/familiasilvasantos.pdf>. Acesso em 4 jun. 2019.

42 *A Alvorada*. Pelotas, 5 maio 1935, ano XXVIII, n. 1, p. 2; *A Alvorada*. Pelotas, 5 maio 1955, ano XLVII, n. 15, p. 1. HBPP.

1º de Maio, a Sociedade Beneficente Fraternidade Artística, a Sociedade Beneficente Feliz Esperança e o Asilo São Benedito.⁴³ Até aqui, nada de novo, uma vez que essas informações já foram exploradas por Beatriz Loner.⁴⁴ No entanto, o que gostaria de destacar é a forma como ele apresenta Antônio ao leitor d'*A Alvorada*.

No primeiro momento, não há referência à relação familiar existente entre ambos, o que caracteriza a escrita como impessoal. Uma hipótese é de que Rodolfo teve cuidado para que os predicados de Antônio não fossem diminuídos pelo fato de que quem os narra tinha uma relação pessoal com ele. Assim, ele demonstrava ao leitor se tratar de um sujeito que merecia ser lembrado no jornal, por sua relevância para a população negra pelotense e não pela sua proximidade ao articulista.

Em 1955, Rodolfo apresenta ao leitor atento que Antônio era seu irmão, quando aborda os últimos dias dele. Disse Rodolfo que Antônio estava adoecido no “lar de **nossa** velha mãe”. Ao mencionar Antônio, Rodolfo exprime mais personalidade e o caracteriza como “leal e sincero”, por exemplo. No final do artigo, ele escreveu: “aqui nos curvamos diante de sua inesquecível memória”.⁴⁵ Por Rodolfo estar com idade mais avançada, acredito que tenha expressado seus sentimentos, não se preocupando tanto em manter um distanciamento na sua escrita e exteriorizar a afetividade de um homem negro.

A enfermidade de Antônio foi salientada nos dois textos, o que me leva a crer que haveria por parte de Rodolfo uma inconformidade com a morte prematura do irmão, que foi acometido pela tuberculose.

O próximo homem negro a ser abordado é Monteiro Lopes,⁴⁶ candidato a deputado federal em 1909. Após as eleições, surgiram boatos de que ele não seria reconhecido, o que gerou uma campanha de mobilização nacional dos homens negros de todo o país em prol do reconhecimento e da legitimidade de sua eleição. A barreira imposta a Monteiro Lopes foi percebida como uma manifestação explícita do racismo na sociedade brasileira. Em Pelotas, foi fundado o Centro Etiópico Monteiro Lopes (1909), que contava com Rodolfo Xavier como secretário e José da Silva Santos como presidente. Como local de reuniões, eles usavam o espaço da sede social da sociedade recreativa Flores do Paraíso e os salões da Sociedade Liga Operária.

Durante essa década, *A Alvorada* não foi editada, mas acompanhamos os acontecimentos narrados acima através das lembranças de Rodolfo Xavier, expressas em suas crônicas durante a década de 1930, período em que o semanário retornou à cena pública. O nome de Monteiro Lopes está em diversos textos de Rodolfo. Saiu publicado n'*A Alvorada*, no ano

43 **A Alvorada**. Pelotas, 5 maio 1935, ano XXVIII, n. 1, p. 2. HBPP.

44 LONER, Beatriz. Antônio: de Oliveira a Baobad. In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio. **Experiências da Emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980)**. São Paulo: Selo Negro, 2011, p. 109-136. LONER, Beatriz. Antônio: de Oliveira a Baobad. **2º Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**. São Leopoldo: Oikos, 2005, p. 1-17. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos2/beatriz%20loner%20completo.pdf>. Acesso em 4 dez. 2019. LONER, Beatriz. Antônio: de Oliveira a Baobad. In: GILL, Lorena; KOSHIER, Paulo (orgs.). **A família Silva Santos e outros escritos: escravidão e pós-abolição ao sul do Brasil**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2019, p. 79-95. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2019/06/familiasilvasantos.pdf>. Acesso em 4 jun. 2019.

45 **A Alvorada**. Pelotas, 5 maio 1955, ano XLVII, n. 15, p. 1, *grifo meu*. HBPP.

46 Manuel da Motta Monteiro Lopes (1867-1910), natural do Recife, era advogado, socialista não revolucionário, republicano, defensor dos trabalhadores e político. DANTAS, Carolina. Monteiro Lopes (1867-1910), um “líder da raça negra” na capital da República. **Afro-Ásia**, 2010, n. 41, p. 167-209. DOMINGUES, Petrônio. “Vai ficar tudo preto”: Monteiro Lopes e a cor na política. **Novos Estudos**, 2013, n. 95, p. 59-81.

de 1933, a ata de fundação do Centro Etiópico Monteiro Lopes⁴⁷ e a sessão solene⁴⁸ que prestou homenagem a Monteiro Lopes. Além disso, uma carta trocada entre Rodolfo Xavier e Monteiro Lopes também foi publicada. A visão de Rodolfo sobre o período era de que se tratou de um momento de cooperação e de solidariedade.

Monteiro Lopes esteve em Pelotas quando passou pelo Rio Grande do Sul. Petrônio Domingues contou sobre sua passagem: “tendo sido recebido com entusiasmo, com direito a banda de música, festa, discursos e muita emoção”.⁴⁹ Em uma das narrativas, Rodolfo Xavier expôs: “Se a sua depuração de deputado federal não se deu, foi devida à celeuma da **negrada** do Rio Grande do Sul e com a qual fez coro grande parte de negros brasileiros”.⁵⁰ As palavras do autor demonstram seu orgulho pela união dos negros.

As colocações em torno de Monteiro Lopes estavam inseridas na Campanha pela Educação Negra, defendida pelo *A Alvorada*, na década de 1930. As publicações de Rodolfo Xavier, que narram os feitos em prol de Monteiro Lopes, têm por título: *Subsídios para a raça negra*.⁵¹ Tais referências feitas por Rodolfo Xavier aparentam instigar o leitor do jornal sobre a capacidade política do negro, mostrando a campanha de Monteiro Lopes como exemplo. Penso que assim nosso autor buscava orientar seu público a unir-se em prol de um bem coletivo, a educação.

O artigo mais antigo de Rodolfo que enfatizou a atuação de um homem negro como foco central foi publicado em 1913 e abordava João Cândido. O título do artigo, *Almirante negro*,⁵² era a alcunha pela qual o marinheiro ficou conhecido. João Cândido era natural do estado do Rio Grande do Sul, filho de ex-escravos João Felisberto e Inácia Cândido. Ele ingressou na Escola de Aprendizes Marinheiros de Porto Alegre e depois foi transferido para a Marinha do Brasil, cuja sede era no Rio de Janeiro, então capital. Apesar dos castigos físicos com o uso da chibata ter sido abolido em 1889, eles continuaram a ser empregados na Marinha de Guerra do Brasil. Em 1910, os marinheiros se rebelaram, iniciando a Revolta da Chibata, tendo João Cândido como liderança.⁵³

Rodolfo defendeu João Cândido em suas crônicas ao escrever que ele não deveria ser responsabilizado, pois, era de longo tempo a severa disciplina que vinha alimentando o ódio que acabou por eclodir na revolta.⁵⁴ Para o articulista, João Cândido era “destemido, arrojado e um mártir”.⁵⁵ É provável que o texto tenha sido escrito por conta do julgamento de João Cândido, absolvido no tribunal militar.

47 **A Alvorada**. Pelotas, 16 jul. 1933, ano XXVI, n. 28, p. 2; **A Alvorada**. Pelotas, 23 jul. 1933, ano XXVI, n. 29, p. 2. HBPP.

48 **A Alvorada**. Pelotas, 30 jul. 1933, ano XXVI, n. 30, p. 2; **A Alvorada**. Pelotas, 13 ago. 1933, ano XXVI, n. 32, p. 2; **A Alvorada**. Pelotas, 20 ago. 1933, ano XXVI, n. 33, p. 2. HBPP.

49 DOMINGUES, Petrônio. “Vai ficar tudo preto”: Monteiro Lopes e a cor na política. **Novos Estudos**, 2013, n. 95, p. 74.

50 **A Alvorada**. Pelotas, 21 maio 1933, ano XXVI, n. 20, p. 2, *grifo original*. HBPP.

51 **A Alvorada**. Pelotas, 30 jul. 1933, ano XXVI, n. 30, p. 2; **A Alvorada**. Pelotas, 13 ago. 1933, ano XXVI, n. 32, p. 2; **A Alvorada**. Pelotas, 20 ago. 1933, ano XXVI, n. 33, p. 2; **A Alvorada**. Pelotas, 3 set. 1933, ano XXVI, n. 35, p. 2; **A Alvorada**. Pelotas, 10 set. 1933, ano XXVI, n. 36, p. 3. HBPP.

52 **A Alvorada**. Pelotas, 26 jan. 1913, ano VIII, n. 4, p. 1. Hemeroteca da Biblioteca Nacional (HBN).

53 NASCIMENTO, Álvaro. “Sou escravo de oficiais da Marinha”: a grande revolta da marujada negra por direitos no período pós-abolição (Rio de Janeiro, 1880-1910). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 2016, v. 36, n. 72, p. 1-22. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbh/2016nahead/1806-9347-rbh-2016v36n72_009.pdf. Acesso em 4 jun. 2019.

54 **A Alvorada**. Pelotas, 26 jan. 1913, ano VIII, n. 4, p. 1. HBN.

55 *Ibidem*.

Rodolfo Xavier demonstrou solidariedade com João Cândido ao concordar com sua atitude. O autor era bastante combativo na sua escrita, conforme é possível notar em diversos de seus textos, em que chamava aos leitores para o confronto. Nessa crônica o articulista demonstra que não estava alheio ao contexto em que estava inserido e parece querer estimular os leitores a se rebelarem igualmente ao marinheiro. No caso, em busca de mais espaço político para os operários, especialmente negros, e extinção definitiva do racismo.

O penúltimo homem a ser salientado é Miguel Barros. Ele era pelotense, filho de João Moreira Barros, dono da Fábrica de Carimbos Sem Rival. Ele exerceu a profissão de pintor (artista plástico) e assinava como “Mulato”. Entre os colegas de Miguel estivera Leopoldo Gotuzzo.⁵⁶ Em 1934, Miguel Barros foi um dos redatores do jornal *A Alvorada*, tendo o contato com Rodolfo Xavier ocorrido através de encontros na redação.

Ao dissertar sobre a formação dos movimentos fretenegrinos, Arilson Gomes⁵⁷ destacou Miguel Barros e sua atuação. Além de participar da Frente Negra Pelotense (1933), ele auxiliou na fundação da Frente Negra Pernambucana (1936). A historiadora Fernanda Oliveira,⁵⁸ focada nas associações negras em Pelotas, coloca Miguel Barros como um importante nome para a comunidade negra pelotense. E Ângela Oliveira,⁵⁹ ao pensar o processo de racialização em Pelotas através da imprensa negra, apresentou a cobertura do jornal *A Alvorada* no I Congresso Afro-Brasileiro, de Recife (1934) e as homenagens a seu representante Miguel Barros.

A Frente Negra Pelotense (1933) teve na figura de Miguel Barros um de seus membros e fundadores. Ele era responsável pelas atividades culturais, geralmente desenvolvidas no *Clube Chove e Não Molha*, e mostras culturais. Como representante da Frente Negra Pelotense, Miguel Barros foi para Recife participar do I Congresso Afro-Brasileiro (1934), a fim de apresentar a organização. Durante sua estadia, Miguel Barros se correspondeu com seus correligionários divulgando as ideias debatidas. Nesse contexto é que Rodolfo Xavier escreveu sua primeira crônica,⁶⁰ um texto permeado de discussões raciais. Disse o autor:

Quem julgaria que Miguel Barros, neto de africanos, com futuro promissor, tendo a perspectiva de libertar-se do “sangue inferior” que circula em suas veias e a facilidade de seleção por meios do matrimônio, fazendo desaparecer a sua origem, preferisse ser “negro” a passar por gralha entre pavões!? ⁶¹

Rodolfo Xavier, por diversas vezes, utilizou da ironia em sua escrita. Assim ele o fez, no trecho destacado acima. O branqueamento era debatido na ciência e difundido na sociedade. Rodolfo Xavier usava a imprensa para defender a inferioridade que se delegava às pessoas negras, interiorizado na sociedade, em função do racismo, que o próprio negro passa a

56 Leopoldo Gotuzzo foi um pintor brasileiro, pelotense, que estudou artes em Porto Alegre, juntamente com Miguel Barros. Posteriormente teria se mudado para a Europa e ganhou inúmeros prêmios por seus trabalhos. O Museu de Arte da Universidade Federal de Pelotas tem seu nome, em homenagem.

57 GOMES, Arilson. **A formação de Oásis: dos movimentos fretenegrinos ao primeiro Congresso Nacional do Negro em Porto Alegre- RS (1931-1958)**. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2008.

58 SILVA, Fernanda Oliveira da. **Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)**. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, 2011.

59 OLIVEIRA, Ângela. **A racialização nas entrelinhas da imprensa negra: o caso O Exemplo e A Alvorada – 1920-1935**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

60 **A Alvorada**. Pelotas, 2 dez. 1934, ano XXVII, n. 31, p. 2. HBPP.

61 *Ibidem*.

não se reconhecer como tal, menosprezando outros negros. Miguel Barros apresentou um comportamento contrário ao que a sociedade ditava como correto, isto é, valorizou sua ancestralidade africana e não a renegou. Por isso, Rodolfo Xavier o apontou como um exemplo de valorização, respeito que defendia o negro.

Rodolfo Xavier deixou subentendido na crônica que a participação de Miguel Barros não era bem vista, mas não justifica por quem; escreveu: “quem julgaria que de um pugilo de jovens sem a maturidade indispensável”.⁶² Continuando a crônica, enfatizou o empenho do artista na defesa do negro, narrou Rodolfo Xavier: “procurasse defendê-la do menosprezo em que é tida e julgada”.⁶³ O articulista parecia orgulhoso da atuação do representante, que em sua opinião realçava a raça negra de Pelotas e do Rio Grande do Sul.⁶⁴

Miguel Barros voltou a aparecer nas crônicas de Rodolfo Xavier em 1949. O motivo da escrita focada no pintor se deu em razão do mesmo estar expondo suas pinturas na cidade de Buenos Aires. Rodolfo Xavier apontou que Barros se tornou um peregrino por conta de sua arte. Para ele, a saída de Miguel Barros de Pelotas, tendo passado a residir em São Paulo, lhe permitiu aperfeiçoamento.⁶⁵ Rodolfo Xavier apresentou aos leitores d’*A Alvorada* os comentários que a imprensa portenha divulgou a respeito de Miguel Barros, marcada por elogios ao artista pelotense. A escrita de Rodolfo Xavier parece tomada por orgulho e respeito pela trajetória do artista.

Diferente dos outros homens abordados, o artigo termina com um caso que vai além do cenário brasileiro. Trata-se de Ralph Bunche,⁶⁶ um afro-norte-americano que mediou a situação na Palestina pós-Segunda Guerra Mundial e por conta de seu trabalho recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em 1950. Logo, é nesse contexto que Rodolfo Xavier eternizou seu nome nas páginas da imprensa negra.

Em sua primeira crônica sobre Ralph Bunche, Rodolfo Xavier trouxe alguns aspectos da trajetória dele, tais como a origem humilde e o fato de ter ficado órfão de pai e mãe,⁶⁷ e descreveu-o como: “descendente de escravos, vindo da escala baixa e vilipendiada”.⁶⁸ A dedicação de um homem era algo valorizado por Rodolfo Xavier, conforme é possível notar em relação aos sujeitos sobre o qual ele escreveu. Com Ralph Bunche não foi diferente, ele salientou seus esforços e dedicação com os estudos.⁶⁹ Penso que, para demonstrar ao leitor a possibilidade de ocupação de espaços de sujeitos negros, Rodolfo Xavier apontou a inserção de Ralph Bunche como delegado na fundação da Organização das Nações Unidas (ONU) e mediador da Palestina entre os Estados Árabes e Israel.⁷⁰ Rodolfo Xavier demonstrou que estava orgulhoso pelo fato de um homem negro ganhar o Prêmio Nobel da Paz, ao mesmo tempo, indignado por ser a primeira vez que o prêmio era concedido a um homem de cor.

Rodolfo Xavier aproveitou a crônica sobre um afro-norte-americano para tratar da situação vivenciada pelos negros dos Estados Unidos e disse: “onde tanto se maltrata e

62 Ibidem.

63 Ibidem.

64 Ibidem.

65 **A Alvorada**. Pelotas, 20 ago.1949, ano XLII, n. 30, p. 1. HBPP.

66 Ralph Johnson Bunche nasceu em Detroit em 1904 e faleceu em 1971, em Nova York.

67 **A Alvorada**. Pelotas, 18 nov. 1950, ano XLIII, n. 38, p. 1. HBPP.

68 Ibidem.

69 Ibidem.

70 Ibidem.

se agrava a situação dos ‘homens de cor’ dentro de seu território”.⁷¹ Nesse período, ainda vigorava no país as Leis de Jim Crow, que eram segregacionistas e limitavam as liberdades e direitos civis dos afro-norte-americanos, o que acabou gerando um movimento social em prol de direitos civis que teve seu auge nas décadas de 1950 e 1960. Sobre o país, narrou:

Nos Estados Unidos - país possuidor de 12 milhões de indivíduos da raça preta - onde não pode deixar de haver “mestiços”, “mulatos” que queiram ou não queiram os “racistas”, honrando e ilustrando a nação, mundialmente, embora haja uma minoria estupidamente racial considerando seus compatriotas de “cor” como sendo filhos espúrios da Pátria que os acalentou.⁷²

As teorias raciais nesse contexto buscavam afirmar que os negros de destaque na sociedade possuíam um grau de mestiçagem e, portanto, sua notoriedade era devida ao sangue ariano, tendo em Oliveira Vianna um de seus defensores. Rodolfo Xavier rebateu essa concepção racista com ironia, ao citar Booker T. Washington,⁷³ disse que mesmo se tratando de um homem negro puro, em breve, estariam a buscar a mestiçagem em Washington para confirmarem sua teoria.⁷⁴

O segundo texto sobre Ralph Bunche apresenta diversos pontos interessantes para reflexão. Primeiramente Rodolfo Xavier expressou o orgulho que sentia da “raça preta” ao saber de fatos e ocorrências que os destacavam.⁷⁵ Para ele, Ralph Bunche era um desses motivos, pois se sobressaiu enfrentando as dificuldades, se tornando um exemplo para os demais negros. Em segundo, Rodolfo Xavier fez uma comparação entre ele e Gilberto Freyre em relação ao conhecimento de ambos sobre a raça africana.⁷⁶ Rodolfo Xavier distancia o seu saber do de Gilberto Freyre. Logo, concedeu mais legitimidade ao saber acadêmico do que aquele produzido fora desse espaço. Tal percepção prevalece até hoje, pois o saber produzido em espaços alternativos acaba por ser menosprezado em relação ao elaborado na academia. Assim, defendendo que o saber de Rodolfo não é “distante”⁷⁷ do de Gilberto Freyre, pois acaba gerando uma hierarquia na qual ele estaria mais abaixo na escala do conhecimento. O seu saber foi produzido a partir de outra perspectiva, da sua vivência e do seu autodidatismo.

A crônica abordou a visita de Ralph Bunche a Portugal, transcrevendo a entrevista feita por um jornal português. Ao final, Rodolfo Xavier teceu seus comentários. Entre as colocações do articulista estava a de que o visitante, certamente, teria compreendido a diferença em tratamento e hospitalidade que os portugueses oferecem em relação aos norte-americanos. A ideia da cordialidade do português apareceu em *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre,⁷⁸ em 1933. Uma leitura que possivelmente Rodolfo Xavier tenha feito, em vista da importância que a obra ganhou naquele momento. A referência de Rodolfo Xavier a Gilberto Freyre indica uma influência por ele absorvida.

71 Ibidem.

72 Ibidem.

73 Booker T. Washington (1856-1915) era afro-americano, escritor e educador, diretor do Instituto Tuskegee, em Alabama. Defendia uma formação técnica para as pessoas negras, isto é, voltada para o trabalho.

74 *A Alvorada*. Pelotas, 18 nov. 1950, ano XLIII, n. 38, p. 1. HBPP.

75 *A Alvorada*. Pelotas, 3 fev. 1951, ano XLIII, n. 4, p. 6 e 3. HBPP.

76 Ibidem.

77 Ibidem.

78 FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

A comparação entre as realidades brasileira (no caso, portuguesa) e norte-americana é bastante complicada, uma vez que se trata de contextos diferentes; no entanto, era algo comumente realizado. Logo, não cabe julgar Rodolfo Xavier.

Considerações finais

A COMPREENSÃO DE UM TEXTO deve ser feita levando em consideração o seu contexto de produção, a sua intencionalidade, quem vai lê-lo, além de outros fatores. Sendo a fonte deste estudo o periódico *A Alvorada*, tem sido viável acessar o pensamento de Rodolfo Xavier. Ele, um homem negro, nascido de ventre livre, alfabetizado, operário, pelotense, pedreiro, líder racial e sindical, trabalhista, militante, engajado, tinha muitas consciências que se mostram na sua escrita. Neste artigo, busquei, a partir de suas reflexões, pensar sobre suas escolhas e compreendê-las. Adentrar na escrita do autor tem possibilitado conhecê-lo melhor, pois era onde ele expressava suas opiniões, revoltas, angústias e alegrias.

A escolha pelas crônicas a serem analisadas teve o critério de focar em homens negros. Por isso, este artigo não trata da trajetória desses sujeitos, mas de por que terem sido escolhidos por Rodolfo Xavier e qual era a sua intenção. Apontar homens negros que se destacaram na sociedade, nos periódicos da imprensa negra, não foi uma especificidade do jornal *A Alvorada* e muito menos de Rodolfo Xavier.

Mudando um pouco de cenário e de contexto, em Porto Alegre, o primeiro jornal de imprensa negra do estado do Rio Grande do Sul adotou como nome *O Exemplo* (1892-1930). Segundo Maria Angélica Zubaran,⁷⁹ a adoção dessa denominação consistiu em uma estratégia de construir e divulgar modelos de conduta negra como uma espécie de referência aos seus leitores. Constatou Petrônio Domingues⁸⁰ que a prática de divulgação de exemplos ocorreu em diversas produções da imprensa negra, lembrando que ele aborda principalmente o cenário paulista.

Ao total, destaquei oito pessoas da escrita de Rodolfo Xavier, mas as possibilidades não se extinguem por aí, há outros mais, que, no entanto, em função do espaço, terão que ser abordados em outro momento.

O critério de análise das crônicas neste artigo levou em consideração o período em que os homens negros apontados teriam vivido, uma vez que seus nomes apareceram na escrita de Rodolfo Xavier em momentos aleatórios. A escolha do autor é diferente para cada indivíduo por ele abordado, no entanto, há aspectos que se assemelham. Todos eles têm em comum a representatividade sobre o comportamento que as pessoas negras deveriam ter para que fossem respeitadas na sociedade e, portanto, um exemplo para os demais negros. As trajetórias desses sujeitos foram marcadas em suas dificuldades, mas também percebeu Rodolfo Xavier que a racialização atuou sobre eles de diferentes formas, sendo subestimados, menosprezados, inferiorizados, desvalorizados e mesmo esquecidos. Todos de alguma forma vivenciaram os efeitos de uma sociedade racista.

79 ZUBARAN, Maria Angélica. Comemorações da liberdade: lugares de memórias negras diaspóricas. **Anos 90**. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, v. 15, n. 27, 2008, p. 161-187. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6743/4045>. Acesso em 3 ago. 2018.

80 DOMINGUES, Petrônio. Os jornais dos filhos e netos de escravos (1889-1930). In: DOMINGUES, Petrônio. **A nova abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

Outro ponto que chamo a atenção é para o fato da modificação na maneira de se expressar em sua escrita. Quando mais jovem, Rodolfo Xavier apresentou um distanciamento do seu sujeito, mesmo quando se tratou de seu irmão; diferente do que ocorreu quando ele era mais velho, em que não recuou em mostrar seus sentimentos e sua afetividade.

Beatriz Loner é uma importante referência historiográfica tanto por seus estudos abordarem a cidade de Pelotas, nos permitindo pensar esse espaço – no que se refere às camadas populares –, como por ter apresentado a possibilidade de pesquisar em novas fontes – entre elas a imprensa negra. Também, por apresentar Rodolfo Xavier e a sua atuação que permeia a imprensa e os sindicatos. Todas as contribuições que a historiadora nos deixou são continuidades de sua pesquisa ou mesmo possuem um diálogo constante com ela, pois os trabalhadores e os populares da cidade frequentaram e atuaram nos mesmos espaços, organizações que ela apontou em sua tese.⁸¹ Além disso, o olhar lançado sobre os populares, especialmente a população negra, vem sendo partilhado pelo campo de estudos Emancipações e Pós-Abolição e pelo Mundos do Trabalho, sendo ambos campos de estudos em que a historiadora auxiliou na fundação e participou ativamente.

Recebido em 16/10/2019

Aprovado em 17/02/2020

81 LONER, Beatriz. **Classe operária**: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1930. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999. V. I e II.